

---

**A ESCRITA DA HISTÓRIA E A UNIFICAÇÃO  
POLÍTICA DO REINO DA NORTÚMBRIA NA  
CRÔNICA-ANGLO-SAXÔNICA (c. 601 – 793)**

Kauê J. Neckel

Graduando de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó. Desde 2014 é membro do LEME – Laboratório de Estudos Medievais e desde 2016 da REDE – Rede Latino-Americana de Estudos Medievais. Orientação: Prof. Dr. Renato Viana Boy. E-mail: [neckel.kaue@gmail.com](mailto:neckel.kaue@gmail.com)

**A ESCRITA DA HISTÓRIA E A UNIFICAÇÃO POLÍTICA DO REINO DA NORTÚMBRIA NA *CRÔNICA-ANGLO-SAXÔNICA* (c. 601 – 793)****THE WRITING OF HISTORY AND THE POLITICAL UNIFICATION OF THE KINGDOM OF NORTHUMBRIA IN THE *ANGLO-SAXON CHRONICLE* (c. 601 – 793)****Kauê J. Neckel****RESUMO**

A *Crônica Anglo-Saxônica* é uma fonte que começa a ser escrita no século IX até o ano de 1154. Este documento é dividido em sete manuscritos escritos em anglo-saxão até o sétimo, escrito tanto em anglo-saxão quanto em latim. O documento procura relatar a história da ilha britânica desde o ano em até 1154, quando deixa de ser escrita. A *Crônica* começa a ser escrita na corte de Alfredo, o Grande (849 – 899), em Wessex. Nosso objetivo neste artigo é analisar as passagens referentes ao reino da Nortúmbria, analisando sua unificação junto aos reinos de Deira e Bernícia no início do século VII até o ano de 793, quando é registrada a primeira passagem de invasão viking na ilha, considerada uma ruptura política. O reino da Nortúmbria com sua formação atribuída em diferentes momentos na *Crônica Anglo-Saxônica* se estabelece como o maior reino em extensão territorial entre os reinos anglo-saxões do período, possuindo certo antagonismo com Wessex, de onde parte a perspectiva de escrita da *Crônica*. Portanto, analisaremos relações de poder entre Wessex e Nortúmbria partindo da escrita da história da Nortúmbria, compreendendo questões como a narrativa do documento e também silêncios em relação a situação política deste reino.

**PALAVRAS-CHAVE:**

História política, *Crônica Anglo-Saxônica*, historiografia, Reino da Nortúmbria, história anglo-saxônica.

**ABSTRACT**

The *Anglo-Saxon Chronicle* is a source which began to be written in the 9th century until the year of 1153. This document is divided in seven manuscripts written in Anglo-saxon until the seventh, written both in Anglo-saxon and Latin. The document searches to describe the history of the British isles since the year on until 1154, when it ceases to be written. The *Chronicle* begins to be written in the court of Alfred, the Great (849 – 899), in Wessex. Our objective in this article is to analyze the passages referring to the kingdom of Northumbria, analyzing its unification along the kingdoms of Deira and Bernicia in the beginning of the 7th century until 793, when its registered the first passage of viking invasion in the island, considered a political disruption. The kingdom of Northumbria with its formation assigned in different moments in the *Anglo-Saxon Chronicle* is established as the biggest kingdom in territorial extension between the Anglo-saxon kingdoms of the period, holding some antagonism with Wessex, where departs the perspective of writing in the *Chronicle*. Therefore, we'll analyze the relations of power between Wessex and Northumbria departing from the writing of history of Northumbria, comprehending questions like the narrative of the document and also the silences about the political situation of this kingdom.

**KEY WORDS:**

Political history, *Anglo-Saxon Chronicle*, historiography, Kingdom of Northumbria, Anglo-Saxon history.

## INTRODUÇÃO

Para a realização deste artigo, a *Crônica Anglo-Saxônica* será a fonte que a ser analisada para notar as relações de poder e estruturas políticas dos reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Este é um documento com sua escrita iniciada no século IX, no reinado de Alfredo, o Grande (849 – 899), até então rei de Wessex. A partir das informações trazidas no livro *Anglo-Saxon England* de Peter Hunter Blair (BLAIR, 1997, p. 339) é dito que neste documento procura se fazer um relato de todos os acontecimentos importantes para o povo anglo-saxão desde o início da era cristã até o ano de 1154, quando a fonte deixa de ser escrita. A *Crônica Anglo-Saxônica* possui sete diferentes manuscritos, dos quais seis são escritos em anglo-saxão (ou Inglês antigo) e o sétimo possui duas versões, uma em anglo-saxão e outra em latim.

Ao tomar a *Crônica Anglo-Saxônica* como objeto de análise historiográfica, devemos nos delimitar também à sua produção. A *Crônica Anglo-Saxônica* começou a ser escrita na corte de Alfredo, o Grande, em Wessex no século IX e é continuada até 1154. É importante notarmos que o panorama político no século IX era outro quando comparado aos séculos VII e VIII, período de nossa delimitação. No momento de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino de Wessex era o único sobrevivente dentro do cenário político anglo-saxão sob as invasões escandinavas que tiveram seu início em fins do século VIII.

Devemos tratar com cautela quando investigarmos a *Crônica Anglo-Saxônica* no que se refere participação de Alfredo, o Grande. Crucialmente importante para o estudo da *Crônica*, sobretudo quando nos referenciamos a sua origem e intenção – analisando assim os séculos VII e VIII, que são séculos predecessores ao início da escrita da *Crônica*, no século IX – é perceber a influência de Alfredo na escrita. Richard Abels, no livro *Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England* reflete sobre isso:

Quem escreveu a *Crônica Anglo-Saxônica* e por quê, ainda remanesce como questões em aberto. Muito depende de como se responde a elas. A controvérsia central gira em torno do papel, se um dia Alfredo e sua corte, na compilação da *Crônica*, tiveram a intenção de mostrar como uma ‘propaganda’ de Alfredo e sua casa. (ABELS, 2013, p. 16)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Who wrote the *Anglo-Saxon Chronicle* and why remain open questions. Much depend upon how answers them. The central controversy has revolved around the role, if any, of Alfred and his court in the compilation of the *Chronicle* and wether it was entended as “propaganda” for Alfred and his house.

O ponto chave em relação às problematizações levantadas para a *Crônica* mostra-se no contexto de que Alfredo e sua corte tiveram a intenção de fazer uma propaganda para seu reinado. Estes fatores influenciam diretamente na construção dos fatos, pois deve-se manter um olho crítico a participação de Alfredo e de Wessex no que é registrado.

Assim, estas construções de escrita da história junto a perspectiva de Wessex são essenciais para se entender o que é a unificação política da Nortúmbria na *Crônica Anglo-Saxônica*. Neste sentido, nossa intenção é trabalhar com esta unificação política na perspectiva de escrita da fonte, entendendo como tipos diferentes de estruturas políticas, de Deira e Bernícia, se fundem para formar o reino da Nortúmbria. Todas estas investigações políticas são realizadas no sentido de entendermos a partir de uma escrita da história vinculada ao reino de Wessex no século IX.

No que se refere a questão dos manuscritos da *Crônica*, segundo P. H. Blair (BLAIR, 1997, p. 337) o mais velho dos manuscritos é chamado de A, no qual é dividido em dois, o A<sup>1</sup>, que é a *Parker Chronicle* – chamada por este nome pois pertenceu a um colecionador de documentos do século XVI chamado Matthew Parker, antes de ser transferida aos museus – relata os acontecidos do ano 1 até o ano 1070. O A<sup>1</sup> está atualmente na biblioteca do Corpus Christi College, em Cambridge, Inglaterra<sup>2</sup>. A segunda parte do manuscrito A é chamada A<sup>2</sup>, que consta em poucos fragmentos do que foi **parcialmente** destruído em um incêndio no ano de 1731. Este A<sup>2</sup> é assim chamado por ser uma cópia do A<sup>1</sup>, provavelmente feita em Winchester no século XI. Este manuscrito foi compilado como apêndice a *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Venerável Beda. O A<sup>1</sup> coloca-se como o objeto que Alfredo, em seu tempo, distribuiu cópias em centros religiosos de Wessex. Aos outros manuscritos, há o B, que retrata os anos de 977 ao ano 1000, onde Blair (BLAIR, 1997, p. 338) afirma que foi escrito em mão única neste tempo. O manuscrito C, que foi escrito por diversas mãos no século XI e retrata até 1066. Outros dois manuscritos, o D e o E foram escritos provavelmente em York, o manuscrito D retrata até o ano de 1079 e contém diferentes mãos em sua escrita. O manuscrito E foi escrito em mão única até 1121. Por último,

<sup>2</sup> Atualmente este manuscrito encontra-se na biblioteca do Corpus Christi College, na Inglaterra, com acesso ao seu documento original restrito. As versões digitalizadas e cópias, entretanto, são abertas à consulta pública. O presente trabalho utiliza-se da compilação destes manuscritos feitas digitalmente, assim não podendo resgatar informações que podem aparecer como fruto do trato manual. As referências à fonte neste trabalho, portanto, se farão em cima das versões digitais.

o manuscrito F é escrito até 1154, sendo este a edição bilíngue (Latim e Inglês antigo, o anglo-saxão) que começa a ser escrita de forma independente em Canterbury, no ano de 1100.

A versão da *Crônica Anglo-saxônica* que está sendo usada é uma versão compilada dos manuscritos em inglês traduzida do idioma anglo-saxão (inglês antigo), pelo Rev. James Ingram (Londres, 1823) com edição e comentários adicionais pelo Dr. J. A. Giles (Londres, 1847). O texto da edição está baseado no que foi publicado como “The Anglo-Saxon Chronicle” (Everyman Press, Londres, 1912), que está sob domínio público nos Estados Unidos. A versão usada é uma edição em acessada em documento pdf da fonte que foi traduzida pelo Rev. James Ingram em 1823, com notas posteriormente adicionadas por J. A. Giles em 1847. A versão digital foi editada, verificada e preparada por Douglas B. Killings em julho de 1996.

## UMA UNIFICAÇÃO DE CASAS REAIS: BERNÍCIA E DEIRA NO SÉCULO VII

Formado em meados do século VII, o reino da Nortúmbria exerce um relevante protagonismo dentro das relações de poder dos reinos anglo-saxões no período que este artigo se propõe a estudar. Este protagonismo é principalmente devido ao fato de que sua própria fundação é fruto de uma unificação política entre os tronos de Bernícia e Deira.

Antes de nos atentarmos a visão que a *Crônica Anglo-Saxônica* pretende aplicar sobre o nosso objeto, é necessário citarmos que outras fontes do período estiveram muito ativas referente à visão do próprio reino Nortúmbrio. Uma destas fontes é a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, feita pelo Venerável Beda. A fonte foi finalizada pelo monge enquanto o reino da Nortúmbria já estava estabelecido. De acordo com Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 72-74) em seu livro *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*, Beda, ao escrever a *História Eclesiástica*, se propunha a estabelecer uma identidade ao povo anglo-saxão, identidade feita principalmente em moldes políticos, mas também presente em moldes culturais. Esta afirmação ganha ainda mais ênfase ao percebermos que os fatores a partir dos quais Beda escreve a *História Eclesiástica* estão no recém-formado reino da Nortúmbria. Além do mais, o próprio Venerável Beda era natural do reino da Nortúmbria e lá viveu toda a sua vida. É necessário mencionar estes fatores ligados à *História Eclesiástica* pelo fato de o livro de Beda ser a referência principal de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Walter Goffart (GOFFART, 1988, p. 240) afirma que “A *História* de Beda apesar de seu

título e sua grandiosa incorporação de um microcosmo inglês dentro de um macrocosmo de um tempo providencial, está predominantemente preocupada com a Nortúmbria”<sup>3</sup> 4. Porém, a própria historiadora Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 73) afirma que “a *Crônica Anglo-Saxônica* (manuscritos D e E) também parece ter tido acesso a anais mais antigos os quais devem ter tido uma fonte celta”<sup>5</sup>. Tanto Yorke quanto Goffart consideram que a análise de Beda está predominantemente vinculada a figura Nortúmbria, este fato ainda embasa as particularidades de cada fonte, colocando a *História Eclesiástica* de Beda, que no próprio prefácio já está sendo dirigida a um rei Nortúmbrio, Coenwulf, em um lado “nortúmbrio”, sendo oposta ao sentido que a *Crônica* propõe, que é vinculada sobretudo ao ponto de vista de Wessex sobre os acontecimentos desta fonte. No entanto, Yorke (YORKE, 2003, p. 73) afirma no mesmo parágrafo para ressaltar a relevância de outras fontes, como a *Historia Brittonum* de Nênio e a *Historia Regum* de Simão de Durham. De acordo com a autora são fontes que também são completas em termos de informações do reino da Nortúmbria no período.

Para começarmos a análise da produção referente ao reino da Nortúmbria, é necessário nos atentarmos antes às formações dos reinos de Bernícia e Deira, ainda em meados do século VI. É importante fazermos uma análise etimológica do próprio nome do reino da Nortúmbria, que viria do inglês *Northumbria*, derivado do anglo-saxão *Norþanhymbra*, que significa “ao norte do Humber”, sendo o Humber um estuário no centro-leste da ilha britânica<sup>6</sup>.

De acordo com a historiadora Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 74), o reino da Nortúmbria é resultado da absorção do reino de Deira através da Coroa de Bernícia junto a outros reinos celtas menores, do sul da atual Escócia. A historiadora ainda aponta que apesar dos reinos serem tidos como anglos, eles também podem ter influência dos bretões e dos celtas, sendo isto apontado a partir de seus próprios nomes. Esta separação entre os dois reinos foi feita através do trisavô de Ælle de Deira que governava o reino em 597.

<sup>3</sup> Bede’s *History*, in spite of its title and grandiose incorporation of English microcosm into the macrocosm of providential time, is predominantly concerned with Northumbria.

<sup>4</sup> Todas as traduções foram feitas do inglês e realizadas livremente por nossa autoria.

<sup>5</sup> “the Anglo-Saxon Chronicle (MSS D and E) also seems to have had access to early annals which may have had a Celtic source.”

<sup>6</sup> As informações relacionadas ao nome dos reinos em anglo-saxão são de ATHERTON, Mark. **Complete Old English (Anglo-Saxon)**. Londres: The McGraw-Hill Companies, 2010.

A presença destas análises sobre as origens do reino da Nortúmbria são realizadas por uma gama de autores. P. H. Blair em sua obra *Anglo-Saxon England* percebe num contexto político a origem e legitimação do governo dos reis anglo-saxões em seus respectivos reinos. Blair (BLAIR, 1997, p. 185-188) sugere que o reconhecimento dos reis dentro de um contexto geral do reino deve ser problematizado. Inclusive, segundo Blair, “em nenhuma parte da Inglaterra Anglo-Saxônica e em nenhum momento de sua história, há qualquer traço a ser achado de um sistema de governo que nada conhece do estatuto dos reis” (BLAIR, 1997, p. 185)<sup>7</sup>, desta forma, é necessário nos atentarmos ao reconhecimento dos reis tanto quanto ao estabelecimento dos reinos.

Os primeiros registros do reino da Nortúmbria são justamente em fins do século VI em outras fontes do período. Entretanto, ao analisarmos a *Crônica Anglo-Saxônica*, a primeira menção aos governos dos reinos é do ano de 634.

634: Neste ano, Osric, a quem Paulino batizou, sucedeu ao governo de Deira. Ele era filho de Elfric, sobrinho de Edwin. E na Bernícia sucedeu-se Eanfrith, filho de Ethelfrith. Neste ano também o bispo Birinus pela primeira vez pregou o batismo aos Saxões do oeste, sob o Rei Cynegils. E o dito Birinus foi lá sob o comando do Papa Honório; e ele foi bispo lá até o fim de sua vida. Oswald também neste ano sucedeu ao governo dos Nortúmbrios e reinou nove invernos.<sup>8</sup> (ASC, p. 1, 634)<sup>9</sup>

Para uma primeira análise deste fragmento, nos atentaremos às passagens relacionadas aos reinos supracitados. No que corresponde aos reinos de Bernícia e Deira, esta menção existe propriamente para estabelecer uma troca de reinado. Entretanto, a *Crônica Anglo-Saxônica* não é clara o suficiente na criação dos reinos. Isto pode ser atribuído por que as casas reais de Bernícia e Deira sempre estiveram distantes no que se refere ao governo de Wessex, onde a *Crônica* foi escrita. A própria Yorke (YORKE, 2003, p. 74-76) traça a genealogia das casas de Bernícia e Deira, dando a perceber a distância genealógica da casa de Wessex, de onde parte a escrita da história contida na *Crônica Anglo-Saxônica*. Este trecho, entretanto, dá ênfase ao batismo do rei de Deira, Osric. Como já dito, a questão da conversão

<sup>7</sup> “In no part of Anglo-Saxon England and at no time in its history is any trace to be found of a system of government knowing nothing of the rule of kings”

<sup>8</sup> A.D. 634. This year Osric, whom Paulinus baptized, succeeded to the government of Deira. He was the son of Elfric, the uncle of Edwin. And to Bernicia succeeded Eanfrith, son of Ethelfrith. This year also Bishop Birinus first preached baptism to the West- Saxons, under King Cynegils. The said Birinus went thither by the command of Pope Honorius; and he was bishop there to the end of his life. Oswald also this year succeeded to the government of the Northumbrians, and reigned nine winters.

<sup>9</sup> As menções a passagens da *Crônica Anglo-Saxônica* serão padronizadas da seguinte forma: ASC, representando a abreviação em inglês de *Anglo-Saxon Chronicle*, a *Crônica Anglo-Saxônica*, p. 1 é a parte que o trecho está inserido na versão digital da fonte que temos acesso e seguido do ano de referência da citação na fonte.

de reis é algo que a *Crônica Anglo-Saxônica* procura retratar constantemente. Este fato influencia diretamente as relações de poder estabelecidas nos reinos, já que a religião através da Igreja acaba se tornando parte ativa referente ao governo real.<sup>10</sup> No governo de Deira, a existência de Edwin, tio de Osric é problematizada pela autora Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 77), onde afirma que foi no governo dele que Deira acabou sucedendo às forças de Bernícia. Referentemente a estes dois reinos específicos, a historiadora aponta que com certa frequência haviam reis que governaram os dois reinos – provavelmente estes governos se influenciaram através de agressivas incursões militares vindas de ambos os lados. Um exemplo é o próprio Edwin de Deira, do qual conseguiu tomar o poder de Ethelfrith e reinar Bernícia e Deira ao mesmo tempo, no início do século VII. Estes fatos, entretanto, não são citados na *Crônica Anglo-Saxônica*, remetendo ao fato já citado por nós de que a escrita da *Crônica* é elaborada através da perspectiva de Wessex sobre outros reinos. Como já mencionada, a genealogia de Bernícia e Deira está muito distante de Wessex no século IX durante o governo de Alfredo, sendo assim, os fatos sobre estes reinos não são detalhadamente narrados. A parcialidade da *Crônica*, aqui, justifica-se também pelo contexto de oposição entre a formação do eventual reino da Nortúmbria com o próprio Wessex. De acordo com J. R. Maddicott (MADDICOTT, 2000, p. 25-27) até cerca de 685, o reino da Nortúmbria produzia uma política de expansão de fronteiras profunda. Esta expansão, que muitas vezes era também dirigida ao norte, com o reino entrando em conflito com o reino escoto da Dal Ríada e reinos pictos nas *lowlands* da atual Escócia. Entretanto, eventualmente, esta expansão de fronteiras também atingiu o sul, entrando em conflito aqui com reinos como Mércia e Wessex. Maddicott afirma que

A coincidência de método na expansão de Nortúmbria e Wessex pode não ser mais que isso: um caso de dois reinos encarando oportunidades comparáveis e respondendo de maneiras similares. Mas o desenvolvimento em novos territórios dos dois reinos pode também encorpar um elemento de consciente rivalidade pelas ligações entre Nortúmbria e Wessex de 635 a 700 serem extraordinariamente próximas.<sup>11</sup> (MADDICOTT, 2000, p. 27)

<sup>10</sup> Em um panorama geral, podemos ver esta relação entre Igreja e Coroa no nosso período de estudo em BLAIR, John. **Minsters in Church and State, c. 650 – 850**. In: \_\_\_\_\_. *The church in the Anglo-Saxon Society*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

<sup>11</sup> The coincidence of method in the expansion of Northumbria and Wessex may be no more than that: a case of two kingdoms facing comparable opportunities and responding in similar ways. But developments in the new territories of the two kingdoms may also embody an element of conscious emulation, for the links between Northumbria and Wessex from c. 635 to 700 were extraordinarily close

Desta forma, a falta de informações mais precisas na *Crônica* sobre a formação do reino da Nortúmbria no período pode ser resultado da rivalidade considerável entre Nortúmbria e Wessex no século VII. A política de expansão de fronteiras é permanente em Wessex, sendo inclusive praticada por Alfredo, já no fim do século IX. O fato de Alfredo ser, desta forma, o principal mantenedor da produção da *Crônica* pode afetar diretamente os relatos sobre o reino da Nortúmbria, uma vez que apesar dos conflitos internos estabelecidos no século VIII – como veremos mais a frente – ainda possuía um poder de expansão significativo.

Um segundo ponto que teremos uma atenção prioritária é a percepção de Oswald como o rei dos Nortúmbrios. Este fragmento poderia ser o marco inicial unificação política a partir da junção das casas reais de Deira e de Bernícia sob a existência de um único monarca, neste caso, Oswald da Nortúmbria. O reinado dele durou de 634 até 642 e, de acordo com Barbara Yorke, “Oswald era outro filho de Ethelfrith, mas ele também era filho de Acha de Deira e aparentemente foi aceito como rei para a nobreza das duas províncias” (YORKE, 2003, p. 78)<sup>12</sup>. O Ethelfrith citado por Yorke é Ethelfrith de Bernícia, rei citado por nós anteriormente no fragmento da *Crônica*. A ligação entre os dois reinos representados pelas duas casas reais é feita então, a partir destes dois personagens, Ethelfrith e Acha, tendo seu filho, Oswald como o primeiro rei a ser citado como governante soberano dos Nortúmbrios a partir da fusão das casas reais de Bernícia e Deira.

É a partir desta fusão de casas reais que a unificação política da Nortúmbria se concretiza, uma vez que Oswald se coloca como líder na unificação da Nortúmbria. Sir Frank Stenton em seu livro *Anglo-Saxon England* se aproxima da perspectiva de Yorke afirmando que “Oswald, liderando um pequeno exército, derrotou e matou Caedwallon [...] e libertou todo povo de Nortúmbria, sendo imediatamente aceito rei em Deira assim como em Bernícia”<sup>13</sup>. (STENTON, 1971, p. 81)

No entanto, muitos dos reis de Bernícia ou Deira são citados, anteriormente como governantes dos Nortúmbrios, dado pela *Crônica Anglo-Saxônica* como uma instituição só, aparte dos dois reinos. É o caso do próprio Ethelfrith no fragmento de 617:

<sup>12</sup> Oswald was another son of Æthelfrith, but he was also the son of Acha of Deira and so apparently acceptable as king to the nobility of both provinces

<sup>13</sup> Oswald, at the head of a small army, defeated and killed Cadwallon [...] and as the deliverer of the whole Northumbria people, he was immediately accepted as king in Deira as well as in Bernicia.

617: Este ano foi Ethelfrith, rei dos Nortúmbrios, morto por Redwald, rei dos Ânglios Orientais; Edwin, o filho de Ella, tendo sucedido no reino, subjugou toda Britânia, exceto os homens de Kent sozinhos, e expulsou os Ethelings, os filhos de Ethelfrith, nomeados Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf e Offa. (ASC, p. 1, 617)<sup>14</sup>

Entre 617 e 634, não é apontado um rei para Bernícia ou Deira, no entanto, é atribuído a Ethelfrith o governo geral da Nortúmbria. Ethelfrith neste caso, pode ser tomado como um rei que investiu muito nas invasões a outros reinos, seja contra Bernícia, Deira ou até mesmo contra a Ânglia Oriental, reino que também estava estabelecido no período.

Esta falta de apontamento do rei de Bernícia pode ser explicada através de Blair afirmando que “a velha linhagem real Bernícia nunca se conheceu como reis [...] a ancestralidade de dinastias anglo-saxãs é invariavelmente traçada para os deuses, como para Woden em sete das oito genealogias sobreviventes [...] da dinastia de Essex” (BLAIR, 1997, p. 188)<sup>15</sup>. Isto pode ser explicado pela falta de menções da *Crônica Anglo-Saxônica* em relação ao reino de Deira e Bernícia antes da unificação da Nortúmbria.

A troca da soberania dos Nortúmbrios entre as casas de Deira e Bernícia ocorreu entre os anos de 601 e 603. Atentamo-nos, portanto, aos seguintes fragmentos:

601: Neste ano o Papa Gregório mandou a mortalha para o Arcebispo Augustino na Britânia, com muitos doutores estudados para lhes prestarem assistência; o Bispo Paulino converteu Edwin, rei dos Nortúmbrios ao batismo. (ASC, p. 1, 601)<sup>16</sup>

603: Neste ano Aeden, rei dos Escotos, lutou contra o povo de Dal Riada e com Edwin, rei dos Nortúmbrios, em Theakstone; onde ele quase perdeu seu exército inteiro. Theobald também irmão de Ethelfrith, com todo seu exército, foi morto. Nenhum dos reis escoceses teve sede para trazer um exército contra esta nação. Hering, filho de Hussa, liderou o exército lá. (ASC, p. 1, 603)<sup>17</sup>

Aqui, é perceptível a mudança de rei no que se refere ao rei dos Nortúmbrios. Esta mudança entre Edwin em 601 e Ethelfrith em 603 se deu provavelmente a partir da invasão

<sup>14</sup> A.D. 617. This year was Ethelfrith, king of the Northumbrians, slain by Redwald, king of the East-Angles; and Edwin, the son of Ella, having succeeded to the kingdom, subdued all Britain, except the men of Kent alone, and drove out the Ethelings, the sons of Ethelfrith, namely, Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf, and Offa.

<sup>15</sup> “old Bernician royal line were never themselves known as kings [...] The ancestry of the Anglo-Saxon dynasties is invariably traced back to the gods, to Woden in seven of the eight genealogies [...] the East-Saxon dynasty”

<sup>16</sup> A.D. 601. This year Pope Gregory sent the pall to Archbishop Augustine in Britain, with very many learned doctors to assist him; and Bishop Paulinus converted Edwin, king of the Northumbrians, to baptism.

<sup>17</sup> A.D. 603. This year Aeden, king of the Scots, fought with the Dalreathians, and with Ethelfrith, king of the Northumbrians, at Theakstone; where he lost almost all his army. Theobald also, brother of Ethelfrith, with his whole armament, was slain. None of the Scottish kings durst afterwards bring an army against this nation. Hering, the son of Hussa, led the army thither.

dos dois reinos, mas não da junção entre as duas casas através de alianças matrimoniais, como sugerido por Yorke e perceptível através do fragmento de 634. Como alternativa à Barbara Yorke, recorreremos a obra *A brief History of the Anglo-Saxons* de Geoffrey Hindley (HINDLEY, 2006, p. 263), onde diz o autor que a morte de Ethelfrith pelas mãos de Redwald foi motivada pelo exílio de Edwin, não deixando claro a posição do reino da Nortúmbria perante estas divergências entre os reis da Ânglia Oriental e das casas reais de Bernícia e Deira. A própria historiadora Yorke (YORKE, 2003, p. 75-78) afirma a mudança no caráter da junção entre as duas casas – de Deira e de Bernícia – para formarem o reino da Nortúmbria. Neste aspecto, portanto, tanto Yorke quanto Hindley convergem em opiniões sobre a formação dos reinos, reforçando nossa proposta central de influências dos reinos para a criação da Nortúmbria.

É necessário observarmos também o reino da Nortúmbria na junção das casas reais. Muitas das mudanças propostas pela junção entre Deira e Bernícia acontece a partir do crescimento do poderio da própria monarquia. De acordo com Blair “é próprio para enfatizar a hereditariedade do governo dos reis na Inglaterra Anglo-Saxônica, e deve ser declarado com igual ênfase que o princípio da primogenitura não fez parte na sucessão” (BLAIR, 1997, p. 188)<sup>18</sup>. Assim, nos atentaremos que a mudança real não se legitima, necessariamente, a partir de um filho primogênito. Isto é recorrente não apenas da Nortúmbria, mas também no que se refere a esta Coroa.

Esta mudança faz perceber as diferenças entre os caracteres da junção das casas reais em Ethelfrith em 603 e em Oswald em 634. Oswald, desta forma, tem mais sucesso na junção entre os dois reinos comparando a Ethelfrith, pois a partir dele o reino da Nortúmbria prossegue unificado. Olhar esta unificação a partir de Yorke faz com que o subtópico deste artigo esteja mais claro. A historiadora afirma que “Oswald foi um herói particular para Bede” (YORKE, 2003, p. 78)<sup>19</sup>, dado o fato de que esta unificação teve um maior caráter afirmativo junto a nobreza da Nortúmbria, efetivando Oswald como um rei que atua junto à própria nobreza. A figura heroica de Oswald se construiu após sua morte em 642, já que ele caiu em batalha para Penda de Mércia, este considerado um rei pagão. Após sua morte, Oswald da

<sup>18</sup> “it is proper to emphasise the hereditary aspect of the rule of kings in Anglo-Saxon England, it should be stated with equal emphasis that the principle of primogeniture played no part in the succession”

<sup>19</sup> “Oswald was a particular hero to Bede.” É importante conotar, que, como já mencionado, a fonte principal da historiadora Barbara Yorke em sua obra *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England* é a *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Venerável Bede, entretanto as referências à *Crônica Anglo-Saxônica* são ativas e constantes na sua obra, estando assim extremamente próximas a nossa problemática de pesquisa.

Nortúmbria foi venerado como um santo entre os anglo-saxões e também como um mártir, se colocando como um rei já cristianizado caindo para um rei pagão, neste caso, Penda de Mércia. O caráter da expansão de Oswald também está presente, pois a expansão do território do reino era ativa através do governo de Oswald. Hindley afirma que

em um reinado de oito anos, Oswald dominou tanto os negócios através da Britânia e do sul da terra dos Pictos que, na visão de Beda, ele conseguiu um *imperium*. Ele anexou o reino de Lindsey, do qual Mércia também tinha interesse, e se casou com a filha de Cynegils de Wessex na condição de que seu pai se convertesse para a Cristandade. (HINDLEY, 2006, p. 280)<sup>20</sup>

Desta forma, isto pode legitimar a santidade que Oswald possui dentre seus pares, sendo reconhecível inclusive pelo próprio Venerável Beda. A influência de Oswald nos reinos vizinhos se construiu não apenas em cima de relações políticas, mas também de relações religiosas, como a conversão de Cynegils de Wessex para a cristandade. A unificação política é vista de uma maneira tão significativa em Oswald, que o próprio Venerável Beda a reconhece a partir da formação do *imperium*. É claro que Oswald efetivamente não unificou todos os reinos anglo-saxões, mas a unificação de Deira e Bernícia alimentou a ideia de unificação presente em Beda e explicitada na escrita da história presente na *Crônica*.

O sucessor de Oswald no governo da Nortúmbria foi Oswy. Esta passagem é relatada referente ao ano de 642:

642: Neste ano Oswald, rei dos Nortúmbrios, foi morto por Penda, rei dos Soutúmbrios em Mirfield no quinto dia de agosto e seu corpo foi enterrado em Bardney. Sua santidade e seus milagres estiveram posteriormente expostos em diversas ocasiões através desta ilha; suas mãos ainda estão incorruptíveis em Barnburgh. No mesmo ano que Oswald foi morto, Oswy, seu irmão o sucedeu no governo dos Nortúmbrios e reinou dois anos a menos que trinta anos. (ASC, p. 1, 642)<sup>21</sup>

Segundo Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 78-79), a troca de governo de Oswald para Oswy foi bem-aceita pelos Bernícios, mas não dentre os Deiros. Geoffrey Hindley também afirma que “politicamente a morte de Oswald dividiu os dois reinos” (HINDLEY, 2006, p. 285)<sup>22</sup>. Esta instabilidade, na visão de Hindley, fez com que em 644, o sobrinho de

<sup>20</sup> In a reign of eight years Oswald so dominated affairs throughout Britain south of Pictland that, in Bede's view, he achieved the *imperium*. He annexed the kingdom of Lindsey, where Mercia also had an interest, and married the daughter of Cynegils of Wessex on the condition that her father convert to Christianity.

<sup>21</sup> A.D. 642. This year Oswald, king of the Northumbrians, was slain by Penda, king of the Southumbrians, at Mirfield, on the fifth day of August; and his body was buried at Bardney. His holiness and miracles were afterwards displayed on manifold occasions throughout this island; and his hands remain still uncorrupted at Barnburgh. The same year in which Oswald was slain, Oswy his brother succeeded to the government of the Northumbrians, and reigned two less than thirty years.

<sup>22</sup> Politically the death of Oswald split the two kingdoms.

Oswy, Oswin assumisse um governo autônomo em relação à Nortúmbria, instaurando novamente o governo de Deira. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* relata o acontecimento: “644: [...] Neste ano o filho do sobrinho de Oswy (Oswin), o filho de Osric, assumiu o governo de Deira e reinou sete invernos.” (ASC, p. 1, 644)<sup>23</sup>

O governo de Oswin continuou apenas até 651. Esta quebra no governo da Nortúmbria mostra que ainda havia personagens dentro da nobreza de Nortúmbria que eram fiéis aos antigos reinos, sendo liderados por suas respectivas casas reais. Fato é que a oposição mesmo que num curto período de tempo entre um governo de Deira e um governo de Nortúmbria (que clama sua unificação) confirma a hipótese de que apesar de continuar unificado nos anos posteriores, a unificação entre Bernícia e Deira resultando no reino da Nortúmbria foi um tanto quanto frágil. A *Crônica Anglo-Saxônica*, apesar de não retratar com clareza estes conflitos, dá prioridade à formação da Coroa da Nortúmbria, mesmo em seus momentos turbulentos. Isto comprova que, apesar de não vista com prioridade aos olhos de Wessex do século IX, os eventos da Nortúmbria ainda possuem sua relevância no que se refere à narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*, estabelecendo sua legitimidade enquanto objeto conectado a uma escrita da história anglo-saxônica.

## O REINO DA NORTÚMBRIA ENTRE A UNIFICAÇÃO E A CRISE POLÍTICA

No sentido da unificação política, o reino da Nortúmbria entra em suscetivas crises que colocam em cheque seu processo de unificação. Este processo de unificação é questionado pela própria escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que a mesma relata episódios de quebras de poder um questionamento das estruturas internas. Apesar de Nortúmbria ainda se manter estruturada politicamente em meados do século VII, é a partir do final do século VII e início do século VIII que a Nortúmbria começa entrar em um processo de crise política. As análises aqui se farão presentes com o objetivo de investigar como o poder de Nortúmbria se comportou após esse processo de unificação política, verificando de que forma o reino da Nortúmbria se coloca enquanto instituição política na escrita da *Crônica*.

O governo de Deira não conseguiu manter-se estável depois de Oswin. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* retrata sua morte no fragmento de 651. É no ano de 653 que o

<sup>23</sup> A.D. 644. [...] This year the son of Oswy's uncle (Oswin), the son of Osric, assumed the government of Deira, and reigned seven winters.

governo de Nortúmbria tem, definitivamente, o controle do reino de Deira novamente. Este é o marco inicial da fundação do reino da Nortúmbria, sem rupturas referentes às autonomias políticas de outros reinos dentro do governo. O próprio Oswy da Nortúmbria é citado no ano de 656 ao jurar fidelidade à cristandade diante de outros reis anglo-saxões. É a partir do ano de 656 que a força da cristandade está mais presente nas Coroas do que o paganismo. As citações em relação às forças pagãs de outros reinos não são mais recorrentes a partir daqui, sugerindo a cristianização das instituições políticas no correspondente ao reino da Nortúmbria. No entanto, Hindley (HINDLEY, 2006, p. 308-309) sugere que com a morte de Oswy, o poder de Mércia teria sido mais protagonizado em fins do século VII, deixando as relações do reino da Nortúmbria mais de lado.

A unificação da Nortúmbria encontra sua redenção em finais do século VII, mas é no fragmento de 705 que esta unificação é concretizada. Neste ano é retratada a morte de Ealdferth, então rei dos Nortúmbrios: “705: Neste ano morreu Ealdferth, rei dos Nortúmbrios, no décimo nono dia anterior ao calendário de Janeiro, em Driffield e foi sucedido por seu filho Osred. (ASC, p. 1, 705)”<sup>24</sup>

É importante notar que as ausências de citações referentes a reis, reinados ou aos próprios reinos dentro da *Crônica Anglo-Saxônica* podem sugerir uma estabilidade no poder. O reino da Nortúmbria, portanto, se manteve ativo, autônomo e unificado neste período em fins do século VII e início do século VIII. A historiadora Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 81), entretanto, sugere que houve uma luta pelo poder após a estabilização do reino da Nortúmbria entre o rei Oswy e um lorde chamado Rædvald. Neste fragmento não nos atentaremos às problematizações da historiadora, já que nada é mencionado destes eventos na *Crônica Anglo-Saxônica* e, visando que nosso trabalho lida com a perspectiva da *Crônica* sobre os eventos, deixaremos estas construções historiográficas feitas de fontes aparte da *Crônica* de lado.

Neste sentido, no início do século VIII, o governo da Nortúmbria já estava estabelecido. Entretanto, suas fronteiras nunca estiveram completamente estáveis. Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 83) diz que, pelo fato de a Nortúmbria ser o reino anglo-saxão mais ao norte, era constante o envolvimento do reino em hostilidades com os celtas e outros povos vindos da atual Escócia. Mesmo assim, as divergências do reino da Nortúmbria não estavam

<sup>24</sup> A.D. 705. This year died Ealdferth, king of the Northumbrians, on the nineteenth day before the calends of January, at Driffield; and was succeeded by his son Osred.

completamente voltadas aos reinos do norte, mas houve conflitos com os próprios reinos anglo-saxões vizinhos. Estes antagonismos ganham estabilidade depois da unificação de Nortúmbria. Isto pode ser compreendido ao olharmos para a *Crônica Anglo-Saxônica* no fragmento do ano 716:

716: Neste ano, Osred, rei dos Nortúmbrios, foi morto perto das fronteiras do sul. Ele reinou onze invernos depois de Ealdferth. Cenred então o sucedeu ao governo e o manteve por dois anos; então Osric, o quem manteve por onze anos. (ASC, p. 1, 716)<sup>25</sup>

Yorke afirma que no início do século VII “as campanhas contra os reinos celtas eram tão importantes – se não mais importantes – aos reis de Bernícia quanto suas relações com os outros reinos anglo-saxões” (YORKE, 2003, p. 83)<sup>26</sup>. Tal ponto de vista se coloca como diferente ao de J. R. Maddicott (MADDICOTT, 2000, p. 25-46), que visualiza neste período uma intensificação das relações de Nortúmbria com outros reinos anglo-saxões, incluindo Wessex. Observa-se aqui uma eventual estabilização política do reino da Nortúmbria já no início do século VIII, conforme retratado na *Crônica Anglo-Saxônica*, havendo certo rompimento com as práticas de legitimação políticas existentes nos reinos de Bernícia – como neste caso – ou de Deira. Como retratado no fragmento de 716, nada é mencionado em relação a conflitos com reinos vizinhos, dando a entender que, neste período, o governo da Nortúmbria se encontrava estável. Yorke (YORKE, 2003, p. 87) afirma que esta estabilidade se construiu a partir da casa de Oswy. Esta estabilidade ocorria mesmo através de medidas “desesperadas”, como quando Osred veio a assumir o trono de Nortúmbria ele ainda era uma criança. Apesar da estabilidade do poder, o governo da Nortúmbria possuiu sucessivas mortes de seus representantes reais em batalhas. Talvez este foi o motivo principal de Osred ter subido ao trono ainda quando era um menino. Isto é concretizado por Hindley (HINDLEY, 2006, p. 309) ao dizer que Osred ainda possuía qualidades já que Wilfried o adotou como filho espiritual, reforçando esta ligação da Coroa com a Igreja construídas a partir de Oswy. Esta adoção espiritual pode sugerir a ascensão ao poder de Osred na infância.

A próxima menção ao governo do reino da Nortúmbria na *Crônica Anglo-Saxônica* é apenas no ano de 738, ao indicar a mudança de rei: “738: Neste ano Eadbert, filho

<sup>25</sup> A.D. 716. This year Osred, king of the Northumbrians, was slain near the southern borders. He reigned eleven winters after Ealdferth. Cenred then succeeded to the government, and held it two years; then Osric, who held it eleven years.

<sup>26</sup> That campaigns against the Celtic kingdoms were just as important – if not more important – to the kings of the Bernician dynasty as their relations with other Anglo-Saxon kingdoms

de Eata, o filho de Leodwald, sucedeu ao governo do reino Nortúmbrio, e o manteve por vinte e um invernos.” (ASC, p. 1, 738)<sup>27</sup>

De acordo com a anglo-saxonista Barbara Yorke (YORKE, 2003, p. 88) esta mudança nas dinastias do governo da Nortúmbria no ano de 738 se deu a partir de uma rixa entre duas famílias nobres pelo poder, tendo a família de Eadbert saído vitoriosa. A historiadora também afirma que estes eventos estão mais bem retratados na *Historia Regum*, crônica de raiz Nortúmbria e na *História Eclesiástica* de Beda. Esta falta de maiores relatos sobre as trocas de poder Nortúmbrios podem ser explicadas pelo fato de o espaço de escrita da *Crônica* é o reino de Wessex no século IX, e não o reino da Nortúmbria propriamente, como já discutido. Estes silêncios são também um objeto de interferência do espaço de escrita de Wessex, atuando neste caso junto as descrições sobre Nortúmbria.

A presença de Eadbert no reino da Nortúmbria foi, de acordo com Beda, o governo forte que Nortúmbria precisava (YORKE, 2003, p. 88-89). Este aumento no poderio Nortúmbrio aconteceu tanto militarmente quanto politicamente, já que o governo através de uma mão forte manteve estável em uma única pessoa. Nesta época, o reino da Nortúmbria presenciou o ápice de seu poder dentre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Este poder político da Nortúmbria se expande, inclusive, para o campo eclesiástico, notória a influência de Eadbert da Nortúmbria. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* retrata este acontecimento: “757: Neste ano Eadbert, rei dos Nortúmbrios, recebeu a tonsura e seu filho Osulf, o reino, no qual ele o manteve por um ano. Ele foi morto pelos seus próprios domésticos no nono dia antes do calendário de Agosto.” (ASC, p. 2, 757)<sup>28</sup>

Neste sentido nota-se a forte influência do governo de Eadbert e como isso foi crucial para a falta de habilidade em governar de seu filho, Osulf, tendo em conta o fato de que ele não conseguiu manter seu reinado por muito tempo. A morte de Osulf dá início a suscetivos conflitos pelo poder por, pelo menos, nos próximos cinquenta anos. No próprio fragmento do ano de 759 (ASC, p. 2, 759) é retratado o sucessor de Osulf, Ethelwold Mull, o qual manteve o reino por seis anos a partir de 759. No governo de Ethewold Mull surgiram conflitos internos onde, no fragmento do ano 761 (ASC, p. 2, 761), a *Crônica Anglo-Saxônica* relata a morte de Oswin, provavelmente um nobre ligado a Coroa da Nortúmbria, conforme a

<sup>27</sup> A.D. 738. This year Eadbert, the son of Eata the son of Leodwald, succeeded to the Northumbrian kingdom, and held it one and twenty winters.

<sup>28</sup> A.D. 757. This year Eadbert, king of the Northumbrians, received the tonsure, and his son Osulf the kingdom; which he held one year. Him his own domestics slew on the ninth day before the kalends of August.

*Crônica* dá a entender. Estes conflitos internos das Coroas continuam nos anos seguintes, conforme a *Crônica* relata. Após uma troca de governo em 765 de Ethelwold Mull para Alred, o fragmento do ano 774 sugere uma quebra nesta dinastia de Alred e uma volta a dinastia de Mull. “774: Neste ano os Nortúmbrios baniram seu rei, Alred, de York até Easter-tide e escolheram Ethelred, o filho de Mull como seu lorde, o qual reinou quatro invernos.” (ASC, p. 2, 774)<sup>29</sup>

Os conflitos internos dos Nortúmbrios continuaram nos anos seguintes. Ethelred não consegue manter o governo da Nortúmbria isento de conflitos envolvendo membros de sua própria Coroa. Tais conflitos continuam a se intensificar, causando a morte do próprio Ethelred.

778: Este ano Ethelbald e Herbert mataram três alto-comandantes – Eldulf o filho de Bosa em Coniscliff; Cynewulf e Eggo em Helathyrn – no décimo-primeiro dia antes do calendário de abril. Então Elwald baniu Ethelred de seu território, tomou seu reino, e reinou dez invernos. (ASC, p. 2, 778)<sup>30</sup>

O estado do reino da Nortúmbria, neste período, era de uma guerra interna profunda, entre diferentes castas do poder político. Isto provavelmente se deu porque, remontando a origem do reino no século VII, não houve uma casa real específica para legitimar o poder do governante da Nortúmbria, sendo um cenário efetivado após o processo de unificação política. Assim, os lordes com um poderio militar clamam a Coroa do reino e convocam seus exércitos, o que causou a morte dos mesmos como retratados no fragmento do ano 778 e de mais um lorde no ano de 780: “780: [...] os alto-comandantes de Nortúmbria conduziram às chamas o Conselheiro Bern em Silton, no nono dia anterior ao calendário de janeiro.” (ASC, p. 2, 780)<sup>31</sup>

Elwald, entretanto, não consegue manter o poder por muito tempo, já que no fragmento de 789 é retratado sua morte por Siga (ASC, p. 2, 789). No ano de 790 é retratado que o então rei da Nortúmbria, Osred, havia sido banido e expulso do seu reino, voltando em 792 (ASC, p. 2, 790-792). Entretanto, ao voltar para o reino, Osred foi preso e morto. O caos político na Nortúmbria tem ainda mais um elemento somador, a invasão viking do ano de

<sup>29</sup> A.D. 774. This year the Northumbrians banished their king, Alred, from York at Easter-tide; and chose Ethelred, the son of Mull, for their lord, who reigned four winters.

<sup>30</sup> A.D. 778. This year Ethelbald and Herbert slew three high-sheriffs – Eldulf, the son of Bosa, at Coniscliff; Cynewulf and Eggo at Helathyrn – on the eleventh day before the calends of April. Then Elwald, having banished Ethelred from his territory, seized on his kingdom, and reigned ten winters.

<sup>31</sup> A.D. 780. [...] the high-sheriffs of Northumbria committed to the flames Alderman Bern at Silton, on the ninth day before the calends of January

793. É interessante notar que a devastação na Nortúmbria, em fins do século VIII, era tamanha que a narrativa perante a invasão dos escandinavos é mudada completamente:

793: Neste ano, vieram advertências terríveis sobre a terra dos Nortúmbrios, aterrorizando as pessoas lamentavelmente: estas eram imensas folhas de luz correndo pelo ar e redemoinhos e ardentes dragões pelo firmamento. Estes sinais enormes foram logo seguidos por uma grande fome: e não muito depois, no sexto dia antes das idas de janeiro no mesmo ano, as incursões angustiantes de homens pagãos fizeram um lamentável estrago na igreja de Deus na Santa-ilha através de rapina e massacre. Siga morreu no oitavo dia anterior ao calendário de março. (ASC, p. 2, 793)<sup>32</sup>

As estruturas políticas, a partir deste evento, encontram uma ruptura, dificultando nossa análise com maior especificidade sobre os acontecimentos. Neste sentido os eventos retratados na Nortúmbria a partir do ano de 793 – e mesmo anterior com seu caos político que colocam em cheque a efetividade de seu processo de unificação – são de invasões causadas pelo escandinavos, mudando inclusive o objeto da narrativa composta pelos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*. Esta mudança perante as invasões escandinavas se fazem mais ativas justamente por que, no momento da escrita, já no século IX no governo de Alfredo, o único reino que restara perante as incursões escandinavas na ilha britânica era o reino de Wessex, governado por Alfredo. Dado isto, o único inimigo em comum de Alfredo que se posicionava contra os reinos anglo-saxões eram os escandinavos, justificando assim a mudança do teor narrativo da *Crônica*.

Neste sentido, podemos encontrar uma solução no que se refere à narrativa. Hayden White, em sua obra *Trópicos do Discurso* reflete sobre o efeito da narrativa no acontecimento. Assim, segundo White,

o registro histórico é ao mesmo tempo compacto demais e difuso demais. De um lado, sempre existem mais fatos registrados do que o historiador pode talvez incluir na sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico. E, assim, o historiador deve “interpretar” os seus dados, excluindo de seu relato certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo. De outro lado, no empenho de reconstruir “o que aconteceu” num dado período da história, o historiador deve inevitavelmente incluir em sua narrativa um relato de algum acontecimento ou conjunto de acontecimentos que carecem de fatos que poderiam permitir uma explicação plausível de sua ocorrência. (WHITE, 2001, p. 65)

<sup>32</sup> A.D. 793. This year came dreadful fore-warnings over the land of the Northumbrians, terrifying the people most woefully: these were immense sheets of light rushing through the air, and whirlwinds, and fiery dragons flying across the firmament. These tremendous tokens were soon followed by a great famine: and not long after, on the sixth day before the ides of January in the same year, the harrowing inroads of heathen men made lamentable havoc in the church of God in Holy-island, by rapine and slaughter. Siga died on the eighth day before the calends of March.

A obra de White, neste contexto de análise da narrativa, entra em confluência com os fatos que estamos tentando mostrar aqui, ao reparar a mudança da narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*. Como os escritores da *Crônica* na corte de Alfredo procuram transmitir uma certa oposição aos escandinavos, essa transformação da narrativa pode ser explicada a partir de White, uma vez que acontecimento e narrativa são elementos opostos de uma mesma construção historiográfica. Outro fato é que a *Crônica* começa a ser escrita apenas em fins do século IX. Junto a isto, o acontecimento da invasão da Nortúmbria foi em 793. Esta disparidade temporal é explicada junto a White no correspondente as diferenças entre tempo e narrativa, acontecimento e narrativa e a própria carência de fatos da fonte no período. A maneira que os vikings foram citados na *Crônica* pode demonstrar uma manobra narrativa no relato dos acontecimentos referentes ao ano de 793.

Desta forma, o reino da Nortúmbria não encontra estabilidade no decorrer do século IX. Entretanto, não nos remeteremos aos conflitos estabelecidos aqui pois ultrapassam nosso recorte temporal para pesquisa, sendo os conflitos feitos a partir de 793, realizados em moldes completamente distintos, uma vez que há um terceiro elemento nas relações de poder políticas na ilha, os escandinavos. A própria existência do reino da Nortúmbria é descontinuada em muitos momentos de invasão viking na ilha. No entanto, o governo aparece como um personagem atuante no que se refere a sua participação nos séculos VII e VIII, sendo assim necessário o problematizar para entender as redes e relações de poder dos reinos anglo-saxões aqui explicadas.

## CONCLUSÃO

Se colocando como um reino que exerce certo protagonismo na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino da Nortúmbria, como visto, encontrou uma narrativa historiográfica que flerta com o estabelecimento e a crise no que tange as suas relações de poder. Colocado como um reino significativo nas proposições sobre os estudos anglo-saxônicos, é curioso o reino da Nortúmbria ser mencionado de formas tão diferentes em uma fonte como a *Crônica Anglo-Saxônica*, de matriz de Wessex. Fato é que a unificação política do reino da Nortúmbria na *Crônica* é retratada em uma escrita da história em moldes secundários, diferindo muito das descrições da *Crônica* sobre o reino de Wessex, muito mais específicas para este último. O reino da Nortúmbria neste sentido assume diversas faces na *Crônica*,

sendo parte de um projeto de unificação de casas reais no início do século VIII até o primeiro local dentre os reinos anglo-saxões que os vikings colocam o pé para começarem suas invasões no início do século IX. Neste sentido, analisamos a importância política do reino da Nortúmbria e como esta imagem política é descrita na *Crônica* em moldes de escrita da história. O reino da Nortúmbria, na *Crônica Anglo-Saxônica*, é apontado como um reino antagonista da perspectiva alfrediana sobre a escrita do passado. É importante lembrar que, sobretudo, lidamos com o aspecto de uma perspectiva de Wessex no século IX, em pleno reinado de Alfredo, o Grande voltada ao passado, procurando abarcar a escrita de toda história anglo-saxônica. A perspectiva de Wessex sobre o passado anglo-saxão é nosso ponto de partida, uma vez que a *Crônica Anglo-Saxônica* é parte de um regime de produção de Alfredo, conhecido como renascimento alfrediano<sup>33</sup> que busca legitimar no passado anglo-saxão sua capacidade de governar um reino unificado dos anglo-saxões. Alfredo, no momento da escrita da *Crônica*, era o único rei que resistia às invasões vikings, sendo Wessex o único reino anglo-saxão que ainda permanecia em pé frente a ofensiva de ocupação de território por parte dos escandinavos. Este fator é muito importante quando vamos visualizar o reino da Nortúmbria que se coloca como um reino anglo-saxão especificamente oposto ao reino de Wessex, o que mostra, como visto, esta diferenciação nas descrições sobre o reino. Tal diferenciação, infere descrições curtas sobre a unificação, não a detalhando por exemplo, ato comparado com a mudança da narrativa com a chegada dos vikings. O reino da Nortúmbria na *Crônica* deixa de ser retratado a partir das descrições referentes ao ano de 793 como o reino oposto ao poderio de Wessex e sim como um reino anglo-saxão que também sofre a invasão dos escandinavos. Os moldes de escrita da história, portanto se alteram com a existência do reino da Nortúmbria sendo válida para o passado legitimatório do poder de Alfredo no século IX.

Neste sentido, as análises sobre a unificação do reino da Nortúmbria ganham suas especificidades, como visto, principalmente nos pontos de crise política no século VIII. Esta crise é o principal retrato do reino Nortúmbrio, sendo as descrições sobre o reino muito mais detalhadas a partir daí. Portanto, procuramos visualizar o reino da Nortúmbria nestes dois vieses de análise, o de um reino unificado e uma força política considerável nos séculos VII e VIII e o de uma força oposta a Wessex, de onde parte da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.

<sup>33</sup> Ver SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Renovatio Alfrediana- As intervenções culturais de Alfred, O Grande. *Revista Brathair*, São Luís, v. 13, n. 1, p.74-85, nov. 2013.

É por este caminho que a *Crônica Anglo-Saxônica* se coloca como um objeto válido para visualizar o passado Nortúmbrio, uma vez que apesar de escrita em um reino oposto, ela nos diz muito sobre a constituição política dos reinos anglo-saxões a partir de uma ótica específica. Lidar com o passado político do reino da Nortúmbria na *Crônica* é lidar com questões que vão cercar o antagonismo e o protagonismo político, associando este artigo tanto a uma análise historiográfica visualizando os regimes de escrita sobre o passado quanto a uma análise das relações de poder e estruturas políticas do reino da Nortúmbria, verificando propriamente seus regimes de uma história do político, como realizado por nós até aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## FONTES

**THE ANGLO-SAXON CHRONICLE.** Londres: Everyman Press, 1996. Tradução por James Ingram e J.A. Giles. Digitalização por Douglas B. Killings.

BEDA, O VENERÁVEL. **ECCLESIASTICAL HISTORY OF THE ENGLISH PEOPLE.** Cambridge: Ontario, 1999. Tradução por Thomas Miller.

## BIBLIOGRAFIA

ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England.** Londres e Nova York: Routledge, 2013.

ADAMS, Max. **The King in the North: The Life and Times of Oswald of Northumbria.** Londres: Head of Zeus, 2013.

ARNOLD, C. J.. **An Archaeology of the early Anglo-Saxon Kingdoms. 2. ed.** Londres e Nova York: Routledge, 1997.

ATHERTON, Mark. **Complete Old English (Anglo-Saxon).** Londres: The McGraw-Hill Companies, 2010.

BATELY, Janet. **The Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuals relationships.** Reading: University of Reading, 1991.

BLAIR, John. Minsters in Church and State, c. 650 – 850. In: \_\_\_\_\_. **The church in the Anglo-Saxon Society.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England.** 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

GOFFART, Walter. **The narrators of Barbarian history (AD. 550-800):** Jordanes, Gregory of Tours, Bede and Paul, the Deacon. Princeton: Princeton University Press, 1988.

HINDLEY, Geoffrey. **A brief history of the Anglo-Saxons: the beginnings of the English nation.** Londres: Robinson, 2006.

KEYNES, Simon. England, 700-900. In: MCKITTERICK, Rosamond. **The New Cambridge Medieval History.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol II, p. 18-42.

LAPIDGE, Michael; BLAIR, John; KEYNES, Simon; SCRAGG, Donald. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England.** 2. ed. Chichester: WILEY Blackwell, 2014.

MADDICOTT, J. R. Two frontier states: Northumbria and Wessex c. 650 – 750. In: MADDICOTT, J. R. PALLISER, D. M (org.). **The medieval state: essays presented to James Campbell**. Londres: The Hambledon Press, 2000. Pp. 25 – 46.

MENACHE, Sophia. Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction. **Journal Of Medieval History**. v. 32, n. 4. Londres, dez. 2006. Pp.333-345

PRATT, David. **The political thought of King Alfred the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. 464p.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Renovatio Alfrediana- As intervenções culturais de Alfred, O Grande. **Revista Brathair**, v. 13, n. 1, São Luís, nov. 2013. Pp.74-85.

STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

THACKER, Alan. England in the Seventh Century. In: MCKITTERICK, Rosamond. **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol I, p. 462-495.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.

WHITELOCK, Dorothy. The Anglo-Saxon Chronicle: few comments. **Speculum**. v. 37, n. 4. Chicago, out, 1962. Pp. 665-667,

WORMALD, Patrick. The Ninth Century. In: CAMPBELL, James. **The Anglo-Saxons**. Londres: Penguin Books, 1991. Pp. 132-160.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

\*\*\*

Artigo recebido em março de 2018. Aprovado em agosto de 2018.